CONHECIMENTOS UTEIS.

FONTE SANCTA.

1196 Por uma aprasivel manhã de agosto saí de Salvaterra, descendo uma tortuosa calçada e sumindo-se-me nos ares gradualmente as tristes e monótonas casas d'aquella villa. Tomei para a direita, costeando as alturas, em que Salvaterra está assentada, e segui a estrada paralela ao ribeiro, que extrema o nosso territorio do castelhano, e se chama ribeiro de *Elga*. Para a banda estrangeira se avista um campo vasto, que dizem *Val de Alcalde*, cujo horisonte é coroado com a *Serra da Gata*. Fronteiro a Salvaterra, já tambem em terras de Hispanha, campêa sobre um têzo ou oiteiro um castello antigo, que ainda entre suas ruinas arvóra aprumada e em bom estado a sua torre; — dão-lhe nome *Penafiel*: — moirisca é a sua architectura, com cuja ancianidade bem conforma a côr cinzenta e negra, de que os seculos lhe revestiram os muros. Já foi sitio forte e bem defendido: hoje a triste gasnada dos corvos obriga involuntariamente o viajante a parar, volver para traz os olhos, e suspirar sobre a caducidade das maiores valentias fabricadas pelos homens.

Continuei pelo caminho estreito, seguindo vastos campos de centeio, que se dilatam até ir beber no ribeiro de *Elga*, e entrei por terrenos incultos, todos arripiados de matto. — Pelo rosto me ficava uma cordilheira chamada *serra de Monfortinho*, á esquerda plainos de chãos recémqueimados.

Ao passo que da serra me fui acercando, entrou-se-me o povoado de Monfortinho a descobrir. Chegado a elle, vi que a cordilheira se profundava em um valle, e que um pequeno espaço a dividia da serra da Gata. Pelo valle corre um ribeiro. Contíguo a elle no lado da Hispanha se extendem amoreiraes frescos e diffusos, emquanto o sólo portuguez se esperguiça, todo ocioso e bruto, afóra sómente alguns lanços da ribeira. Atravessei a agua, convidado da boa sombra das amoreiras, onde, recobrando-me da calma, me puz a cuidar por algum espaço no como, tendo andado a natureza tão activa para nos enriquecer, a nossa preguiça foi mais valente do que ella, que tão pobres ao cabo nos deixou. Como quem se menêa a uma parte e a outra por affugentar insectos importunos, para desterrar estas idéas comecei de girar e espairecer-me sósinho pelo bosque a dentro. Todo elle até mui remota distancia ía aberto em alamêdas tiradas a cordel, e tão donosas por seu concêrto e solidão, que por vezes me supuz no passeio do Campo Grande. — Por melhor me certificar, onde estava, puxei do mappa e reconheci que pisava terra de Hispanha; no que logo me confirmaram dois contrabandistas castelhanos, armados, que alli acertaram de passar.

Descaída a maior furia do sol, repassei o ribeiro, e seguindo-lhe a margem por um caminho de pé posto, divisei, a poucos passos andados, lá adiante no valle algumas barracas de campanha e chóças de matto, onde me dei pressa de chegar. — Era alli a famigerada *Fonte Sancta*, que eu desejava conhecer. — Tres nascentes brotam da serra de Monfortinho que descem, como outros tantos arroios, até se metterem no ribeiro por defronte do meu hospitaleiro amoreiral. — D'estas nascentes uma foi, ha annos, aproveitada, fabricando-se para a receber uma casa com apparencia de ermida, e n'ella um tanque ou bacía para banhos. Alli os tomam annualmente duas a tres mil pessoas nos mezes de agosto e septembro. Como porém o lavacro não é mais que só um, não ha nas 24 horas de cada dia minuto, que á porfia se não aproveite.

Das outras duas nascentes, com serem eguaes a esta nas virtudes, nenhum cabedal se faz para remedio, por se lhes não ter querido fabricar tambem suas piscinas, e faltarem accommodações, onde os banhistas se recolham, sendo o povo de Monfortinho apartado d'alli boa meia legua.

É a agua da *Fonte Sancta* notavel pela sua milagrosa propriedade para curar molestias de pelle: sarnentos com oito ou nove banhos saem limpos de sua praga. N'este mesmo anno de 1842 conheci eu uma muchacha castelhana, que padecia, havia muito, d'aquella aborrida enfermidade. Veio aos banhos, e ainda não eram tomados mais de cinco, já quasi não havia mácula, nem resquício do que fôra.

Pertence o terreno, onde mana a fonte, ao concelho de Idanha-a-Nova. Ha tempos veio um proprietario hispanhol, commettendo-lhe edificar elle alli, a expensas suas, umas cazarías nobres para onde encaminharia as nascentes, ordenando lá dentro todas as accommodações, assim para se os banhos tomarem, como para residencia dos banhistas; pelo que lhe havia a camara de deixar os lucros da empreza por certo prazo de tempo determinado, findo o qual, tudo elle resignava em beneficio do concelho. — Engeitou-se o offerecimento; e d'aqui provinha aquelle grande numero de barracas e chóças, que de longe me havia maravilhado, e onde os pobres doentes, depois do trabalho de as carretarem ou fazerem, padecem, como segunda molestia, o ficarem sujeitos ás intempéries e estreitezas de umas poisadas tão brutas e inhóspitas como o sítio — e mais brutas e inhóspitas que as de muitas tríbus de silvestres: — no demais a convivencia n'aquelle èrmo é vívida e alegre; á uma, porque são muitas e de mui diversas partes as pessoas que para alli carregam, attraídas da nomeada de tal remedio; e á outra, porque ás esperanças com que chegam, entra logo a succeder a melhoría a olhos vista. Talvez até que o insólito e brutesco da vivenda, dando abalo nos ânimos, e provocando as facécias, não deixe de ajudar o bom humor que por alli reina. — ¿ Pesaria isto na sua alta philosophia a camara da Idanha, quando engeitou a proposição do castelhano? — mas os sarnentos antes quereriam um pouco menos de edade de oiro parodiada, e um pouco mais de albérgue apparelhado para resistir aos calores, e insectos, ventanías e chuvas d'esta edade férrea, que vae correndo. Olhei para aquillo com tristeza; e logo me lembrou que o meu bom amoreiral estava na terra de estrangeiros.

As pedras por onde os arroios passam, parecem caiadas. A agua, ao nascer, vem quente; mas tomada nos copos logo arreféce; e bebida não sabe mal; corre sempre com abundancia.

Era já posto o sol, quando d'alli, não sem saudades, me apartei para Monfortinho. Perto do povoado vi, que atravessava a estrada uma escaça porção de agua, mas o terreno, molhado para uma e outra parte do caminho, descobria haver por alli passado, havia pouco, maior abundancia d'ella. — De um passageiro, soube então — que juncto a Monfortinho estava a ma-

triz, d'onde aquelle ribeirinho procedia, a qual, com ser visinha das tres outras, não era quento, nem tinha as suas virtudes; mas tão particular condão possuia — que na força do dia, e quanto mais apertada do calor, mais se desentranhava em aguas, affrouxando á proporção que o dia declinava; e vindo de noite a parar quasi de todo ou de todo, pelo menos em certas estações do anno. — Fui visital-a; achei verdadeira a relação, em que várias pessoas depois me confirmaram.

Pernoitei em casa de um proprietario de Monfortinho; recavalguei ao alvorecer do dia, e fazendo pelo caminho minhas reflexões ácerca do amoreiral em Castella, e da fonte milagrosa em Portugal, me recolhi a Salvaterra, d'onde me tinha affastado duas leguas.

Ricardo Fernando Vidal.

A nossa devisa, já o dissemos, e mostral-o-hemos sempre, são aquellas, tão honestas e tão dignas, palavras de Cicero — « estamos sempre préstes assim a refutar sem obstinação, como a sermos refutados sem agastamento, ... *et refellere sine pertinatia, et refelli sine iracundia, parati sumus.* ».

Recebemos com a maior gratidão, imprimimos com a maior diligencia, e com a maior efficacia recommendamos o seguinte precioso artigo, em que o Sr. Luiz José Ribeiro procura extirpar dos intendimentos alguns mui nocivos erros, que nós, innocentemente, n'elles íamos semeando: —

PESCARIAS.

1197 Os Jornaes teem-se ultimamente entertido em sustentar uma especie de polemica sobre *pescarias*, e com especialidade sobre Bacalhau; affirmando uns que é industria impropria de portuguezes, e outros que devemos continuar com boa diligencia a patriotica *emprésa* encetada pela *Companhia de Pescarias Lisbonense.* — Eu sou d'esta ultima opinião, e as razões são obvias: préso mais o que é Portuguez do que o que é Estrangeiro.

Tambem a *Revista Universal*, n.º 12, publicou um artigo sobre pescarias, em verdade muito bem escripto, e sem duvida com as melhores intenções; mas com o qual eu, em parte, não posso concordar.

Deixarei em paz o que n'elle se affirma relativamente ao que outr'ora foi Aveiro; farei o mesmo a diversos calculos, hypotheticos, ou especulativos, inseridos no mesmo artigo, como para inculcar vantagens mais ou menos provaveis; limitando-me unicamente a rectificar o que se diz da Companhia das Pescarias, e a impugnar os suppostos beneficios aconselhados n'elle, os quaes, parecendo destinados a dar-lhe auxilio, seriam, no caso de realisar-se, quanto era bastante para a arruinar. O mais acrisolado patriotismo presidiu á organisação d'esta Companhia, e postoque seus accionistas não tenham d'ella colhido interesse algum, nem por isso poderá dizer-se o mesmo em relação ao complexo da *Communidade Portugueza.* Commetteram-se alguns erros graves nos primeiros annos, os quaes o tempo tem emendado; e podem assignalar-se como causas principaes d'elles: 1.ª, a falta de experiencia; 2.ª, a facilidade de obter meios pecuniarios; 3.ª, querer fazer muita coisa ao mesmo tempo.

A Companhia empreendeu logo, simultaneamente, a pesca da Balêa nos *mares do Sul*; — a do Bacalhau nos *Bancos da Terra Nova*; — a da Pescada para escalar, nos *mares de Larache*; a do Atúm na Costa do *Algarve*; e a da Sardinha, aonde podesse pescar-se. — Comprou para logo avultado numero de embarcações de diversas lotações; e além d'estas mandou construir 11 Escunas na *Vieira*, em que teve um prejuiso enorme, por querer dar a preferencia aos constructores nacionaes: estas escunas custaram á Companhia mais de 80:000$000 réis, quando as poderia ter comprado por metade aos estrangeiros. — Teve grandes difficuldades que vencer para arranjar companhas de pescadores praticos; e supposto a maior parte fossem portuguezes, e os instructores estrangeiros, sujeitou-se a pagar-lhes os salarios que elles quizeram (nem podia ser d'outra fórma), até que, depois de muitas e penosas diligencias os pôde, ajustar *a partes*; e actualmente já vão pescar ao *terço.*

Poderia no principio, como já disse, haver erros, ou algumas imprudencias; mas ¿quem não vê em todo o procedimento da Companhia, e na constante generosidade de seus accionistas, o mais decidido amor da Patria, e a maior abnegação de seus particulares interesses? — A experiencia veio mostrar que a pesca da Balêa devia temporariamente ser posta de parte, porque as tres embarcações que a ella foram destinadas além da deterioração que em si tiveram, causaram um prejuiso de 11:716$845 réis. Limitou-se a Companhia por tanto á pesca do Atúm, Sardinha, e Bacalhau, depois de resolver que o Capital de cada Acção fosse reduzido de 100$000 réis a 50$000; e como o Bacalhau é o assumpto principal da questão, d'elle tractarei com mais alguma miudeza. É opinião assentada entre muita gente boa (e tambem por algum tempo a teve a Companhia) que para o Bacalhau chegar aqui em bom estado, era necessario ter um deposito na *Terra Nova* para alli ser escalado, salgado, e sêco: esta opinião era corroborada com o estado de maior ou menor imperfeição do Bacalhau nos primeiros quatro annos da existencia da Companhia. — Porém passando esta a investigar as causas de taes imperfeições, e os meios de as evitar, conseguiu completamente os seus desejos. — O Bacalhau era pescado nos Bancos da Terra Nova, e amontoado por alguns dias nas embarcações, e quando cuidavam de o escalar, salgar, e lavar, já elle tinha adquirido o mau cheiro que depois era impossivel destruir. Deu a Companhia ordem (depois de bem informada) para que o Peixe fosse escalado, salgado, e lavado, á proporção que o fossem pescando; estabeleceu melhores providencias sobre o acto das descargas no Téjo, e acondicionamento no estendal da Trafaria; e seus esforços foram coroados com os melhores resultados. — O Bacalhau pescado no anno de 1841 já foi bom, e teve prompta saída, apesar dos preconceitos anteriormeute estabelecidos; porém o de 1842 é optimo, e não deixa nada que desejar, como agora demonstrarei.

Pescaram-se no sobredito anno de 1842 — peixes.	441,930
Venderam-se até ao dia 24 de dezembro d'este anno — dictos	394,277
Existem.	47,653

O Bacalhau vendido pesou 7,649 quintaes, e 22 arrateis, e produziu em dinheiro 38:538$707 réis, co-

mo consta dos Livros da Companhia, d'onde estes dados são extraídos: os 47,653 Peixes que existem, estarão vendidos antes de 15 dias. Tem por conseguinte a Companhia conseguido o fim principal, que se propóz, o qual consiste em pescar Bacalhau de optima qualidade, e em o acreditar no mercado; tudo o mais irá d'ora em diante bem, se a deixarem. — Na presença pois dos factos, que deixo expendidos, posso e devo declarar francamente, como accionista da Companhia, e vice-Presidente da Assembléa Geral, que a dicta Companhia não pede, nem deseja possuir Feitoria alguma na Terra Nova; que não deseja, nem pede ao Governo de S. Magestade premio algum pecuniario, e com muita especialidade havendo reducção nos direitos do Bacalhau Estrangeiro, como se indica no fim do artigo publicado na *Revista Universal n.º* 12; e tudo isto que eu aqui affirmo, já a Companhia teve a honra de elevar á Augusta Presença de S. Magestade no Requerimento que Lhe dirigiu em 27 de Maio d'este anno, pelo orgam do Presidente e Secretarios da Assembléa Geral dos Accionistas, precedendo accôrdo, e deliberação d'estes.

O que a Companhia pede e deseja, é que o Governo de S. Magestade conserve a Legislação existente, e que a deixe livremente promover as suas operações (creio que não é pedir muito); se assim succeder, como é de esperar, a Companhia ha-de properar, e quem ha-de colher as principaes vantagens de seus exforços, e do empate de seus capitaes (quasi 500:000$000 réis) ha-de ser a Nação, e o proprio Governo; pois que a Companhia manterá á sua custa uma excellente escholla de marinhagem; dará emprego e sustento a muitas familias portuguezas (actualmente já proporciona meios de subsistencia a mais de tres mil pessoas); evitará a exportação de grande quantidade de moeda metalica; e muitas outras vantagens palpaveis se conseguirão as quaes julgo ocioso repetir.

Não será fóra de propósito mencionar aqui a quantidade de Bacalhau Estrangeiro que entrou em Portugal no anno economico decorrido do 1.º de julho de 1840 até 30 de junho de 1841, segundo consta do Mappa — *B* — que serve de desinvolvimento á Conta da Juncta do Credito Publico, que corre impressa, a saber: arrobas 750,620, e arrateis 27¾. — Computando este Bacalhau a 800 réis cada arroba (captivo de direitos), segue-se que foram para fóra do Reino, por aquella causa sómente, 600:496$693; e se a Companhia, com o andar dos tempos, podér apresentar no mercado, a terça parte, ou metade d'esta grande quantidade de Bacalhau, não faria um grande serviço ao Reino? Creio que sim.

O assumpto era proprio para ser tractado com mais pausa, e extensão, porém este curto e desalinhado artigo, feito ao correr da penna, será bastante para demonstrar que a importancia da Companhia de Pescarias Lisbonense, não deve ser avaliada pelas desvantagens que d'ella tem havido seus Accionistas, nem pelo preço que as Acções valem no mercado. — Não a persigam, com o pretexto de lhe dar auxilios que ella não quer; e o tempo a justificará.

Luiz José Ribeiro.

INSTRUCÇÃO PUBLICA.

(Vem de pag. 178.)

1198 Qualquer que seja a coisa em Portugal, de que se pertenda tractar, ou para que se deva pedir providencia legislativa, estaca-se logo ao primeiro passo por míngua de statistica. Nada de positivo apparece, em que se ponha os olhos, para ir encaminhando o discurso com segurança; e não fica portanto mais recurso do que ir rastreando conveniencias e probabilidades.

É o que me succede aqui, porque não havendo no recenseamento de 1838 a separação dos sexos, não se podem comparar os estudantes com a população masculina. Não se tendo tão pouco calculado, entre nós, o termo médio da vida, tambem se não póde calcular quantos annos dura o estudante, depois de formado, n'essa geração a que pertence. Convinha saber isto, para avaliar qual a diffusão, e qual a duração do seu serviço a essa sociedade, em que vive; e não sendo o seu numero sufficiente, poder calcular quantos deviam ser, a fim de que não faltassem os necessarios, em cada um dos ramos.

Emquanto o gosto, que eu recommendo por estes estudos, que são a algebra da civilisação, se não espalha entre nós, descer a excessivos pormenores na comparação do total dos estudantes com diversos outros termos das columnas no mappa a pag. 114, só serviria para embaraçar o leitor, que provavelmente, quando chegue a olhar para elle, não lhe deitará mais que uma vista d'olhos, sem querer voltar outra vez a repizar o mesmo terreno, para melhor o ficar conhecendo. Movido d'este temor, as observações, que poderia fazer a cada uma das provincias em particular, circumscrevel-as-hei ao reino em geral. Esta ommissão é tambem, tanto menos para se sentir, que não regressando os estudantes ás suas naturalidades, ficarão espalhados por toda a superficie do territorio, ou entrarão em exercicio, aonde lh'o destinarem sem local adstricto.

Adoptando pois o expediente de sómente encarar na sua fórma total a topographia da cultura intellectual, que se deve encontrar nos nossos habitantes por via do ensino, que recebem na nossa Universidade de Coimbra, antes de ir por diante para tornar mais palpavel a appreciação, separarei a população masculina da feminina, por esta não poder entrar nos termos que tem de se contrastar. Já eu disse em alguma parte (e se o não disse, nem por isso deixa de ser verdade) que nós não tinhamos esta separação contada pela enumeração feita aos individuos em Portugal. Para a supprir da melhor fórma, é preciso valermo-nos das estrangeiras: e tendo a Inglaterra, ainda em novembro de 1841, feito a dos seus habitantes, vamos por analogia com essa, estimar a nossa. Continha o recenseamento d'aquelle anno na Inglaterra, Galles, Escossia, e ilhas adjacentes, menos a Irlanda, 9,077,436 individuos do sexo masculino e 9,587,425 individuos do sexo feminino. O excesso d'este a respeito d'aquelle são 5,61 *avos* por cento, ou 561 em cada 10,000. Applicando este cômputo a 4827 habitantes, que tocam a cada estudante, teremos, dividindo ao meio, e diminuindo os 5,61 por cento da metade masculina, 1 estudante por cada 2279 individuos masculinos. A utilidade, de que este estudante póde vir a ser para os 2279 individuos depende da frequencia do tracto em que elle póde estar com elles. Para se achar essa recorrendo á revisão do recenseamento da População de Portugal pelo Auctor a pag. 47 vê-se, que dividindo a superficie do nosso territorio, que são 28,350 milhas qua-

dradas pelos seus fogos, saem 29 fogos por milha quadrada; os quaes, mutiplicados por 3,89 individuos de ambos os sexos, dão 112,82 por cada milha quadrada. Se 112,82 individuos dão 1 milha quadrada 2279 dão 20 milhas quadradas. Aqui está a área que tem de percorrer constantemente o estudante, que toca aos 2279 individuos, para lhes poder aproveitar com as suas luzes. Ora isto é quasi impraticavel; — logo hão de forçosamento escacear essas luzes em muita parte da povoação, especialmente não se dedicando ella a adquiril-as pela leitura de escriptos quando esse estudante os houvesse de fazer.

(Continuar-se-ha.)

C. A. da Costa.

ACADEMIA DE BELLAS-ARTES.

1199 Com satisfação publicamos a seguinte breve noticia da frequencia, que vão tendo as aulas, onde a academia de Bellas-Artes de Lisboa proporciona, de noite, instrucção gratuita aos artifices e mais pessoas, que a desejam.

Com egual satisfação ha-de ella ser lida por todos os que bem advertirem, no como o adiantamento das artes fabrís depende essencialmente do conhecimento do desenho; que este tem uma influencia particular e directa em certos artefactos, cujas fórmas pedem elegancia e invenção; que por este bom gosto nasce ou se augmenta o consumo e venda d'esses artefactos, e portanto a prosperidade da industria e do commercio.

Tanto as nações mais civilisadas teem reconhecido estas verdades, que forcejam, ha muito tempo, por diffundir, de todos os modos, pelas classes operarias conhecimentos de varios ramos do desenho. E como os officiaes fabrís não podem de dia frequentar esses estudos, usam facilitar-lhes nos serões essa applicação. O fructo, que d'isso teem colhido os reinos estranhos que o digam o seu commercio; e a avidez, com que entre nós são procurados os moveis estrangeiros. ¿E porque se preferem essas obras? ¿Será pela sua boa construcção, pela sua solidez, ou similhantes outras qualidades? As mais das vezes preferem-se, porque a sua fórma externa é mais elegante e engraçada.

Por convencimento d'estas verdades tão claras e palpaveis determinou a lei, que instituiu a Academia — que se desse instrucção, não só aos que são ou desejam ser artistas, mas tambem aos artifices ou officiaes fabrís. D'esta obrigação se tem, com grande zêlo, desempenhado a Academia desde o seu estabelecimento. — As vantagens promettidas, já começam a apparecer. Todos os dias se nota mais aperfeiçoamento nos nossos ourives, lapidarios, canteiros, marceneiros etc.; e de anno para anno vae crescendo o numero dos que á porfia concorrem a aproveitar-se d'este ensino, tão util para elles e suas familias, como para a patria.

Aula nocturna de desenho de ornato, destinada á instrucção dos officiaes fabrís, na qual lecciona o professor de pintura de paizagem, o Sr. André Monteiro da Cruz.

Estudantes	44
Ourives do oiro	18
Ourives da prata	9
Funileiros	6
	77
Transporte	77
Marceneiros	9
Entalhadores	6
Serralheiros	2
Espingardeiros	2
Pintores de ornatos	6
Coronheiro	1
Estucadores	3
Abridores	2
Relojoeiros	2
Caldeireiro	1
Lavrantes	8
Canteiro de ornato	1
Alfayates	2
Livreiro	1
Torneiros	2
Fabricantes de instrumentos bellicos	2
Fabricantes de sêda	2
Latoeiro	1
Confeiteiro	1
Negociantes	4
Empregados publicos em differentes repartições	9
Mercador de sêda e lã	1
	145

Aula nocturna de desenho historico, onde lecciona o professor substituto, o Sr. Francisco Vasques Martins.

A totalidade dos discipulos d'esta aula é de.... 39

Quasi todos frequentam tambem em noites alternadas a aula de desenho de ornato; e são dos differentes officios acima indicados.

Aula de geometria pratica, e desenho de architectura civil, em que lecciona o professor substituto, o Sr. José da Costa Sequeira.

A totalidade dos discipulos d'esta aula é de.... 41

Quasi todos são officiaes ou aprendizes de differentes officios fabrís; e frequentam tambem a aula de desenho historico, em noites alternadas.

Aula superior de estudo do modêlo-vivo, em que lecciona no primeiro mez, o professor de pintura historica o Sr. Antonio Manuel da Fonseca; no segundo, o professor de esculptura o Sr. Francisco d'Assís Rodrigues; e no terceiro, o professor de gravura historica o Sr. Domingos José da Silva.

Os discipulos d'esta aula no presente anno são.. 24

Sendo só 4 de fóra da Academia, e o restante discipulos d'ella, que já se acham habilitados para esta instrucção.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

UMA ANTIGUALHA AULICA.

1200 Havendo este numero de saír por festa entre Natal e Reis, tão acertada irá n'elle, quanto por si mesma e por seu auctor se recommenda, a memoria, que ácerca de uma cerimonia dos reis antigos, que se usava em vespera de natal, escreveu o nosso Fr. Luiz de Souza no Capitulo III dos seus, ainda não impressos *Annays da Vida, Reynado e Governo do Prudentissimo Rey D. João III*; e diz assim: —

« Chamava-o elRey seu pay (elrei D. Manuel ao princi-

«pe D. João) pera todas as que se offerecião, já de justi-«ça, já de fazenda, já de mercês, e vendo-o assistir com «attenção e applicação, juntava suas advertencias: E co-«mo aguia que provoca os filhos a voar, quiz que assistis-«se com elle pessoalmente em uma cerimonia dos Reys «seus antecessores, que se bem está já oje dezuzada, «mostra-nos o cuidado que tinhão de venerar com abs-«tinencia publica a vespara do nacimento de Nosso Se-«nhor Jesu Christo. Creio que não será desagradavel «ao leytor, sequer por memoria do bom tempo da Cor-«te portugueza. Escrevella-emos como a deixou lan-«çada nos papeis de sua secretaria Antonio Carneyro «pay de Pero d'Alcaçova Conde da Idanha. Onde diz «que foy esta a primeyra em que o Principe assistio «com elRey seu pay: e passou assi: Era vespara do «santo dia de Natal anno de 1516: sahirão elRey e o «Principe da guarda-roupa a horas de cea acompanha-«dos do Duque de Bragança e dos Condes d'Odemira, «de Villa-Nova, de Tarouca e de Borba. Estava a me-«za cuberta sobre um estrado de dous degraos. Sen-«tou-se elRey a ella, e o Principe ficou em pé sobre «o estrado á mão direyta delRey no tôpo da meza: No «primeyro degrao ficou o Duque e a bayxo no chão os «Condes. Veo logo a consoada a elRey com Porteyros «da camara, Reys d'armas, Arautos e Passavantes, «Porteyro-mór, Mestre-sala, Veador e o Conde de Ta-«rouca Mordomo-mór: o qual trazia a toalha, e a deu «ao Principe: e o Principe tomando-a se poz de joe-«lhos com ella nas mãos; e o Conde de Villa-Nova «seu Camareyro-mór lhe chegou uma almofada para os «joelhos. E assi esteve o Principe até elRey beber, e «se levantar a consoada, e então lhe tornou a tomar «a toalha o Conde Mordomo-mór. Levantada a consoa-«da delRey, veo a do Principe da mesma maneyra que «viera a delRey, sem mais differença que trazer a toa-«lha o Veador, o qual a deu ao Duque de Bragança «que lha teve: E o Principe se deceo ao primeyro de-«grao do estrado, e ahi tomou a consoada: e acaban-«do de consoar se tornou assima ao primeyro lugar: «onde esteve sempre a pé: e sempre elRey o mandou «cobrir. Veo depois a consoada do Duque e dos Con-«des que eram presentes, acompanhada de Porteyros «de maça, Reys d'armas, Arautos e Passavantes, Por-«teyro-mór, Mestre-sala e Veador somente (porque o «Conde Mordomo-mór se passou aos Condes). E fize-«rão suas reverencias a elRey. Vinha a consoada do «Duque diante da dos Condes com distancia de uma «á outra de pouco mais de dous passos: Era o que a «trazia hum fidalgo seu. E hum moço fidalgo do Du-«que levava em hum prato pequeno de servir huma «toalha dobrada: a qual em chegando a consoada ao «Duque tomou o seu Veador, e lha teve sem mais ce-«rimonia que huma moderada inclinação de cabeça e «corpo. Com a consoada do Duque não vinha agoa nem «vinho: quando quiz beber, foy o seu copeiro á copa «tomar o que sabia lhe avia de levar, acompanhado «de hum porteyro e duas tochas. Mas com a dos Con-«des veo logo a agoa que avião de beber, e os que «trazião consoada e agoa erão homens seus. Ouve mais «outra differença, que o prato da consoada do Duque «estava feito dentro na sala, e de junto da copa o to-«mou o seu fidalgo pera lho levar: e os criados dos «Condes tomarão os pratos pera seus amos na varanda «de fora, onde estavão as fruytas, e dali lhos levarão. «Erão as mezas dos nossos Principes escolla de sobrie-«dade pera seus vassallos: E por isso folgavão de co-«mer de ordinario em publico.»

RÁUSSO POR HOMIZIO.

Romance Historico.

(*Continuado de pag.* 182.)

V.

O judeu Issachar de Coimbra.

1201 Linda e serena se despregava a noite; o norte, varrendo as profundezas do céu, lançára para o extremo horisonte as nuvens densas e tempestuosas, que por oito dias, como tôldo immenso, se haviam desdobrado sobre a cabeça da antiga Coimbra, que enfeixada entre os grossos lanços das duas coiraças, se reclinava no pendor da encosta, rodeada dos suaves oiteiros, e viçoso estendal de veigas e prados, que em si compõem o risonho painel de seus arredores.

Alegre e festivo corrêra o dia. — O ruido das vozes e passadas do povo; a toada dos alaúdes e violas; e as endeixas sentidas dos trovadores reboavam pela cidade, misturando-se com as risadas discordes e fallas chistosas dos pagens e donzeis. Os tabardos variegados; as cotas bordadas de oiro; e os mantos forrados de pelles dos cavalleiros, resaíam, doirados pelo sol, no chão escuro dos sáios e capas, dos zorames e bragas dos populares, por entre os quaes os ginetes, galopando á rédea larga para a Alcaçova, abriam sulcos tortuosos. A pouco e pouco se esmoreceu o bolicio até de todo se apagar ao caír das sombras da noite. — Só lá do alto, aonde campeava o castello moirisco, transpiravam pelas ventanas sons de festa, e o clarão das tochas, que allumiavam o saráu esplendido, similhava de longe, corôa de estrellas cingida na frente torreada do velho alcacer.

Pouco antes de ser bem cerrada a noite assomára ao portal da casa dos conegos, fundada por D. Paterno juncto da Sé, um vulto rebuçado em capa de peão. — Alguns, curiosos de natureza, que o seguiam, viram-no dobrar a quina da rua para onde davam as portas lateraes do templo — passar rapido pela face tisnada dos paços de Dona Vetaça, e dobando depois pela rêde baralhada de viellas malassombradas e torcidas, enredar-se no labyrinto da communa, ou bairro dos judeus. As frestas e agulheiros de uma casinha, assentada ás margens do Mondego, transverberavam uma claridade pallida e immovel. O vulto parou alli, e deitando a uma e outra parte os olhos com dessocego bateu de manso á porta: depois de curto espaço ouviram-n'a os curiosos ranger nos gonsos, abrir-se, e para logo tornar a cerrar-se sobre o recémchegado.

— É algum triste servo do démo, a quem o malaventurado judeu Issachar vae levando pela mão aos paços de Belzebuth! — disseram lá comsigo os honrados burguezes. E talvez acertassem. — O vulto era D. Reimão Portocarrero; e n'este dia se contavam os trinta, que marcára, para começar a pagar as arrhas da nova rainha de Portugal.

Emquanto elles assim se tornavam desconsolados, lá em cima na casa do judeu, continuava uma pratica, que logo ao entrar travára Portocarrero.

— Meu querido Issachar — dizia com um sorriso ironico D. Reimão — farás serviço a um amigo; darás os duzentos maravedís.

— ¡Mofino de mim! tão certo como ser eu o mais pobre e desamparado dos filhos de Israel, que não ha tirar fio de sáio velho; ¡nem um soldo tenho de meu! já bati a todas as portas da Communa de Coimbra, e nem sequer uma mealha mais pude apurar além dos cem maravedís, que vos contarei.... quero dizer que vos emprestaram dois mercadores....

— ¡Com razão te chamas mofino! — atalhou o Alcaide com ar de escarneo — pois, sem tanto caminho andado sei eu quem os porá aqui sem falta. — É um lebreu desdentado, ovençal do senhor rei, que hontem com os direitos vencidos na herdade de Eiras, e nos Reguengos de Coimbra, recheou o dobral de bons morabitinos de oiro!...

— Quereis zombar com o vosso servo — interrompeu Issachar com anciedade — ¡cem vezes vendido não alcançára eu com que ajuntar tamanha somma!... juro pela toura....

— Não te afflijas, honrado Issachar, conheço ainda outro ovençal, a quem por escambos e proveitos, que tira dos direitos reaes, hão-de açoitar pela cidade, e penhorar todo o seu haver, segundo o degredo do senhor rei D. Affonso, quando ámanhã um cavalleiro provar que do alheio se alfaiou!... ¡Judeu! larga essa astucia de raposa — gritou, mudando de tom — ou pela alma de meu pae, que em pouco saberás como estoiram os ossos carunchosos de um pêrro vil e maldicto!

Issachar recuou espavorido; lá dentro ía uma lucta cruel; mas a final, arrancando um suspiro entranhavel, e com os olhos affogados em lagrimas exclamou:

— Virão aqui os duzentos maravedís; irei varrer com as barbas os degráus da Synagoga, e pedil-os a preço d'uzura a meus irmãos.... ¡mas ámanhã o mais arruinado mercador d'esta terra serei eu!

— Socega: de hoje a um mez colherás dobrados os teus maravedís, e, á fé de cavalleiro, que abençoarás mil vezes o serviço, que me fizeste!... ¡Astrologo e adivinho te chamam!... ¿é certo devassares tu pelas feições o pensamento recalcado e sumido no coração, e descobrires o segredo, que nunca se fiou dos labios?

— ¡Senhor sim! — respondeu o judeu, erguendo o rosto, e cravando no de Portocarrero olhos vivos e escrutadores.

— ¿Que lês nas minhas?

Mestre Issachar, abriu a bocca para responder, mas susteve-se, e ficou enleiado como quem não atinava com a resposta.

— ¿Arreceias-te de mim? ¡vamos! ¡verdade ou mentira dize-a, e breve!

— Revela-me a testa espaçosa e alta — respondeu em tom grave o judeu — que ahi morou um animo nobre e aberto a todos os affectos generosos.... mas o véu pesado, que entenebrece o rosto, e o clarão medonho, que relampeja nos olhos, me denunciam, que uma idéa séstra e má lançou raises profundas no coração.... n'esses labios a sorrir desbotados espraia-se um pensamento de sangue, que um dia encaneceu!...

— Sim. Adivinhaste! ¿E serão as estrellas favoraveis ao meu intento?... falla, triplicarei os maravedís, que já te devo....

— ¡Oiro! mancebo — atalhou o Astrologo, cujo parecer despindo-se da abjeção costumada se depurava e enobrecia com o fervor da crença — ¡oiro! ¿e que val elle para rastrear lá nas alturas a palavra de Jehovah, gravada com lettras de fogo no seio mais intimo dos céus?... Repara n'estas faces cavadas e palidas; n'esta vida que palpita como a lampada do templo ao sopro da morte; n'estes olhos embaciados, aonde quasi seccaram a fonte da luz as lagrimas da desesperança.... ¡é este o preço da sciencia!... oh! quantas vezes me descaíu a vista cançada de luctar; quantas a ergui, sem devassar entre esse milhão de astros, que giram no espaço, as estrellas misteriosas, que são a corôa de Deus assentada na tenebrosa fronte da noite!... Aonde vão dias, noites, annos, durante os quaes me consumia em vigilias, curtindo escarneo, affrontas, e amargura pelo coração desfeito de tanto padecer? ¿Que sou hoje? Um morto que falla; ¡uma sombra que passa na terra! e todavia n'esses esplendores celestes só antevi a thyára de Jehovah; só adivinhei que as constellações são *luz*; e apenas solétro uma pagina das mil desenroladas na órbita de fogo!

Issachar correu a mão pela testa; os seus olhos brilhavam com fulgor estranho, e o rosto se lhe tingiu de leve rubor.

— ¡Vaidade é isto!... ¡mas tambem certeza! um raio de luz rompe as trévas d'esta existencia descolorada, quando lá do céu as estrellas respondem ao homem; quando invôlto ainda no pó da terra folhêa o livro, que nem os anjos percebem, e de myríadas de soes compõe a palavra fatal, ¡que só leu Salomão!

— ¿Dize-me, influem elles contra mim?

— ¡Não! ¡mas guarda-te! Na sua elliptica o astro não formou com as estrellas Jod e Zain o triangulo mistico.

— ¿E o do rei?

O astrologo correu olhos tímidos pelo aposento, e pegando da mão de Portocarrero, guiou-o para uma das frestas, que dava para o rio.

— ¿Não vês — disse elle — além, por cima d'aquelle cabeço uma estrella desmaiada a tremer incerta na abobada azul? ¿Não lhe devisas no centro uma nódoa? É a emanação de Saturno.... ¡ameaça-o de morte breve!... — Calou-se, embebido em alto meditar — Mancebo — proseguiu depois com voz cava — o throno é similhante á rocha, que rompe em seios o escarcéu de mares revoltos, sem haver arbusto, que pegue no recosto esteril, héra, que vista de folhas a fraga nua!... ¡como David, desafiou este por uma Bethesabéth a cholera de Deus, e bem dura pesará ella sobre o reino!

D. Reimão espantado, cuidava, que algum encantamento transformára no sabio serio, e grave o judeu lazerado e sôfrego, que primeiro víra: — por largo espaço o esteve mirando, sem dizer palavra.

— ¿Dize-me — perguntou — não transparece alli a tua estrella?

— Nazareno — respondeu com tristeza o astrologo — quando pelas horas mortas da noite cravo a vista nas profundezas do espaço, vejo desdobrar-se nas trévas do sanctuario a pagina de luz, só uma palavra se esvaece alli sempre, ¡é a da minha sorte! cerram-me os olhos as nevoas de Tobias.

Houve, depois um largo silencio, em que os dois olhavam um para o outro.

— Sincero foste comigo — disse D. Reimão — e fizeste bem. ¿ Issachar, não tens uma filha formosa?

— ¡ Sim ! É a minha Esther; como os sons maviosos da cíthara do rei propheta me desce suave ao íntimo da alma a sua voz, para tambem, como elles, mitigar tristezas e desalento: é o fructo do meu primeiro amor; o lirio desabrochado no jardim do Saron.... lá jazerá ella agora de joelhos em Santarém encommendando ao Deus de Israel o pae perdido nas tempestades do mundo.

— Enganas-te. Seus olhos negros, e lindo parecer quebraram leis e dever de christãos.... ¡ roubaram-t'a, Issachar!

— ¡ Deus de Moysés!... innocente Esther! mas enganais-me! quereis zombar do vosso servo... o odio da crença arredará sempre o Nasareno maldicto!...

— O odio da crença, Issachar! Vedou-lhe elle porventura a tenção damnada, quando o já traçaram?

— Sim! sim! sou louco! — Esforçado cavalleiro — accrescentou, ajoelhando lavado em lagrimas — sois bom e generoso, ¡ salvai-a!... mil maravedís.... dois mil!.... ¡ todo o meu haver pela filha da minha dôr!

— ¡ Ergue-te, Issachar! e não peças ao tigre que se atire á prêa: ¿ sabes a que vim aqui? vim a arrancar a alma do corpo; a estancar a sêde da vingança em todo sangue das veias d'esses, que a tomaram!... são os mesmos, que mataram um velho fraco como tu, e uma donzella pura e linda, como a tua Esther, dorme no seio dos anjos assassinada por elles!...

— Fazei-o, leal cavalleiro, fazei-o assim.

— Asserena o animo; pelo rasto os hei seguido, dia e noite velei ao redor d'elles como o lobo em volta do redil.... ¿ Enxergas no alto a Alcaçova, coroada de luzes? Lá estão elles rindo ao som das violas, respirando perfumes, e requebrando as formosas. Lá estão cobrindo com fallas a sabor o peito damnado.... mas virão aqui, não a entregar-te a filha, que é já por mim segura, mas a tomar todo o teu oiro, tudo o que houveres....

— ¿ Aonde está a minha Esther? ¡ quero vêl-a!

— ¡ Silencio, judeu! ¿ além no rio não alcanças uma setía voando leve pelo vulto arqueado das aguas?... ¿ não vês reverberar-se o clarão incerto das estrellas em ferros de lanças, e cascos brunidos? ¡ São os meus! alli corre ella tambem. Á hora da Noa a barca abicará a praia, e pelas hortas entrarão a casa!... ¡ dáme as chaves da porta falsa!

— ¡ Senhor são estas! Jehovah vos abençoe como abençoou o Deus de Abraham e Isaac!

— Lá se vai destoucando o velho alcacer — proseguiu Portocarrero com os braços encrusados, e a voz truncada — ¡ sumiram-se as estrellas, que o coroavam!... ¡ assim se apagará tambem no livro do mundo, meus leaes cavalleiros, a pagina da vossa vida!... ¡ mas a ultima palavra tem de graval-a bem funda no vosso coração a ponta d'este punhal!... demora-os aqui, Issachar, chora, roja-te pelo chão, e recusa tudo!... ¡ Adeus! ¡ serei comtigo em breve!

E involto na capa, saíu pela porta falsa, que o judeu lhe abriu.

— Deus de Israel — exclamou Issachar, caíndo de bruços — dae-me as forças de Sansão para desabar sobre elles o templo de sua maldade!

Ía a erguer-se, quando lhe soou de fóra um grito agudo, como de homem que matam a ferro.

— ¡ Mataram-n'o! — bradou o judeu, batendo com a cabeça na pedra, e arrancando um gemido de agonia extrema — oh! minha Esther, minha Esther, que te não verei eu mais! — E ficou estendido como morto sobre as lageas do pavimento.

Luiz Augusto Rebello da Silva.

(Continuar-se-ha.)

PEQUENA AMOSTRA DE UMA RESPOSTA GRANDE.

1202 Recommendamos, antes de tudo, se lêa attentamente o artigo, que, em réplica ao nosso 1168, intitulado — Civilisa-se entre nós o culto divino — saíu no *Portugal Velho*, de quarta feira 28 de dezembro. — Devêramos talvez reimprimil-o; mas para torpezas nunca haverá cabida n'estas paginas. Esse artigo não é da redacção — damos-lhe os parabens: imprimíu-o — perdoamos-lh'o: não lhe decotou, como podéra, vilanías de cínico e injurias de parvo, tão indignas da imprensa e do seculo, como do assumpto — fez mal, porém mal a si; não nos toca.

Nada temos pois, por agora, com o *Portugal Velho;* nada com os homens da sua conhecida parcialidade, contra quem, nem uma só vez, commettemos ainda a covardia de dirigir uma affronta, ou um sarcasmo, em 63 semanas, que já dura a nossa folha: — com alguns dos quaes tractamos amizade leal; e entre cujos corifeus contamos collaboradores nossos, que não poderão queixar-se de lhes havermos, uma só vez, cortado ou enfraquecido expressões do seu politico interesse.

Tão pouco sairemos aqui a terreiro contra a *Associação da Fé:* associação respeitavel pelo seu titulo, pelo numero e qualidade de seus membros, pelos fins, que de si pregôa, pelas obras que n'outros reinos tem feito, continúa, e promette. Não a conhecemos assás; não nos movem dictos vagos de partidarios ou de inimigos. Se occulta, sob a capa religiosa, algumas tenções damnadas, Deus que a castigue da profanação; o tempo que a descubra; e a auctoridade que a extirpe. Se tende para a regeneração da sociedade pela moral, e da moral pela fé, a Providencia que a ampare, e a encaminhe até a assentar triumphante no seu throno. Se é, como todas as coisas da terra, e nenhuma das do céu, meiada de bem e mal, se tem no seu grémio, povo sincero e pio, e magnates que abusam d'elle, Deus que derribe e confunda os ambiciosos, illustre e resgate os credulos. — Repetimol-o, não julgamos a *Associação da Fé*, porque a não conhecemos. O conceito, em que temos a muitos de seus membros, já para ella nos inclina. As suas obras de verdadeira rebaptisação e charidade, em apparecendo, farão o resto. Seremos, se o podérmos, discipulos seus, seus apostolos, seus confessores, seus martyres.

Assim nem com um bando religioso, nem com outro bando politico temos aqui nada: mas com um individuo unico; ¡ um unico individuo! e tão cônscio da sua fraqueza, que, só mettido por traz dos outros, apedrêja! — e tão convencido de sua miseria, que de escrever o seu nome se corre, como de uma affronta! — Que se embrulhe bem na sua capa; não temos estômago para lh'a arrancar; conserve em paz a sua máscara inutil por transparente. Tambem, por fóra da máscara, se póde esbofetear ao villão mal ensinado; e, sem lh'a tirar, confundil-o debaixo dos pés no lodo, d'onde surgiu: — ¿ Mas para quê? ¡ Viva o po-

bre do truão! ¡ Deus sabe quem lhe manda clamar, e porque preço! — Não lancemos ao Tibre a estatua de Pasquino.

Ousa este homem, que não se chama nada, entrar-nos pelos penetraes mais íntimos de nossa consciencia, trazendo, por luz, a lanterna fétida de Diógenes; e gritar — «não ha aqui altar nem Deus.» — Calquemos-lhe essa lanterna de furtafogo, levantemos o facho da razão desassombrada: pasmará de não ter visto ou de ter dicto que não via, o altar, o culto, a adoração sincera.

Se as obras (e as palavras lançadas no publico, tambem são obras) se devem tomar por documentos do ânimo, quando nenhum motivo torcido e secreto se lhes póde aventar, ahi entregamos ao falsario, que nos dá por inimigos apostados da religião, e empenhados em a solapar e destruir, ahi lhe entregamos as SEPTECENTAS E SESSENTA PAGINAS DA REVISTA, para que aponte n'ellas uma só linha, que, ainda forçadamente, possa abonar tal desconfiança. Pelo contrario, em toda a parte, a todo o propósito, e talvez até importunamente, como o Apostolo das gentes recommenda se evangelise, havemos sempre forcejado, porque se respeitem, mantenham e favoreçam os principios da unica verdadeira crença, as praticas da unica religião verdadeiramente humana, porque verdadeiramente divina. — Mais: ¿ pertende elle (pertende) tornar solidario (como hoje dizem) o homem actual com o homem passado? recusar ao intendimento individual a perfectibilidade, que tem o intendimento social, e inculcar que o que pensámos ha SEPTE annos deve ser o mesmo que hoje pensamos? ¿ quer negar ao Divino Espirito o seu dicto, quando declara, não só que a alma faz mudanças, senão tambem que é louvavel o fazel-as, do mal para o bem, ou do bem para o melhor? — Ahi tem mais TRESENTAS E QUARENTA E SEPTE PAGINAS de *folio* da GUARDA AVANÇADA, cujo redactor foi o mesmo, que hoje redige a *Revista Universal*: — ¿ que mostre ahi uma só phrase heterodoxa ou ambígua em taes materias? — Outros peccados teve aquelle papel: — demasiada boa vontade e excessiva fé na virtude cívica, de uns e na corrigibilidade de outros, em summa inexperiencia do mundo e dos negocios, produziram, frequentes vezes, delirios e injustiças; não tantas, nem tantos, como apaixonados pregoavam: — os annos, que depois vieram, teem hoje, quasi completamente, canonisado a *Guarda Avançada*. — Mas a politica não é aqui a nossa questão. N'aquella folha o meu ânimo inflexivel, forjado por assim dizer ao fogo de uma philosophia abstracta e por mim mesmo temperado artificialmente e a grande custo até gráu de rigor e crueldade, defendeu mais de uma vez os principios, os usos e os homens da egreja.

Apóz os jornaes venham os livros, que, ha mais de vinte annos, teem saído a lume com o nome do mesmo auctor. — Insignificantes são, mas não são poucos. — ¡ Sáia d'elles por onde o condemnem de inimigo e perseguidor do Catholicismo! De todos elles surdem provas directas, ou inductivas do contrario. — Eis-aqui o que era leal, o que era honesto, o que era christão, o que era necessario, o que era indispensavel, que o pobre Diógenes considerasse antes de escrever, e tres vezes reconsiderasse antes de imprimir estas palavras, por onde abre a sua carta, — «*Muito custa a «esses hipocritas, traficantes de religião, e amigos de ce-«lebridade que ella se sustente; e vá vingando dos es-«forços que fizeram para a derribar e desterrar d'este «nosso paiz classico em piedade*, e Fidelissimo *por tim-«bre.*

«*Desfaleceram na sua empresa essas* guardas avança-«das *da anarchia, da immoralidade, e da desordem «que franca e publicamente faziam á piedade uma guer-«ra de morte.*» — Fazemos ao correspondente do *Portugal Velho* a mercê de não trasladar mais. — Não córará, porque de rubor não ha capitulo na phisiologia dos sicarios mascarados; — mas servirá de escarmento a futuros calumniadores imbecís.

Nada ha mais repugnante e indecoroso do que fallar homem de si mesmo: todavia, quando o leproso lhe grita do meio do seu muladar «— tu és leproso» — e mente, não ha remedio senão descobrir e mostrar: — por isso insistiremos ainda um pouco n'esta repugnante apologia, antes de entrarmos á questão: — pedimos vénia, e seremos breves.

Julgou o damnado morder, e quebrou os dentes na pedra. — Todos os documentos a que se reportou o sycophanta depoem, notoria e manifestamente, o contrario do que allega; e conformes com elles são todos quantos podéra produzir: — os poucos bons (bons, presuposta a sua logica honrada de argumentar de tempos para tempos) não os conhece elle; vamos denunciar-lh'os, para que lhe não falte de todo materia á sua tréplica.

O redactor da Revista Universal passou tambem por aquella edade (¡ máu pezar que fosse ha tantos annos!) em que se julga não crêr, e se não quer a religião, porque a superabundancia de vida, quasi que não deixa acreditar na morte; e fez trovas sobre os livros sanctos, tão baldas de piedade como de razão e poesia. — ¡ Que o apedrêje quem, mettendo a mão na consciencia, se sentir n'esta parte isento de pecado! — Afóra este tributo dos juvenís verdores, pago a um seculo, filho e ainda herdeiro do de Voltaire, e exactor rigoroso de seus fóros, sob pena de ridículo, — pena maxima para os loucos bemaventurados, que estão saíndo da infancia, — nada mais lhe podemos presentar que lhe aproveite n'estes seus autos de delação abjecta, pérfida, e realmente inassignavel, até para um cínico. Se nos perguntar, quem nos transformou, não em sanctos, (que não o somos nem aspiramos a sel-o) mas em convencidos da verdade, da utilidade, da necessidade da religião, tambem lh'o diremos francamente: — foi, em primeiro logar, o tempo: em segundo, a reflexão: em terceiro, e sobre tudo, a morte. — Quem chegou a perder na terra objectos amados, não póde deixar de abraçar-se a uma crença, que promette restituir-lh'os.

Não nos alardeamos christãos de obras; christãos de fé, sim, presâmo-nos de o ser, e não consentimos a devassos que nol-o impugnem. Havemos de continuar a defender as doctrinas sãs, tão apartadas da impiedade de pseudo-philosophos, como de fanatismos ultramontanos: — n'isto ¿ que interessse pessoal nos poderia influir senão obdecessemos a uma convicção íntima? A imputação, que o pobre tonto nos faz de *hipocritas*, é o petipé do seu intendimento — não chega a pollegada. — ¿ Que interesse particular póde haver n'esta nossa propugnação constante de uma discreta religiosidade? ¿ com que poderosos nos fazemos bem quistos por este meio? ¿ com os liberaes extremos, que

nos escarnecem de fanaticos? ¿ou com os absolutistas ferrenhos que nos acoimam de impios, porque não mettemos a politica entre os nossos artigos de fé? ¿pôr-nos-ha Roma no kalendario dos sanctos? ¿ou Lisboa no Pantheon dos innovadores? — »Rousseau defende os interesses da sua impiedade« — dizia o arcebispo de París na sua pastoral contra a profissão de fé do vigario de Saboia. — »Quaes são os interesses da minha impiedade« — respondia Rousseau. — »Os da piedade de V. Ex.ª conheço-os eu, que são as grossas rendas da sua mitra.« — Esta resposta, que n'aquelle caso não era boa, sae perfeitamente accommodavel ao nosso. — ¿Que logares, que officios, que rendas, que condecorações, que applausos, que influencias, que força, que bens em summa, ou que spectativa de bens nos augura a causa, quasi sem partidarios, e provavelmente sem victoria em que nos empenhamos? — Promettemos deixar em paz as parcialidades politicas, não apertaremos mais estas perguntas

Não ha Tartufo pelo méro gôsto de envergar a roupêta; tirae-lhe a esperança de herdar os havêres de um *Orgonte*, de seduzir uma *Elmira*, e de se apossar de todo o regimen e govêrno do casal, desappareceu esse personagem, não menos incómmodo a si do que aos outros. — O nosso nome é conhecido, o insignificante, que declare o seu, e veremos logo, se é tão impossivel n'elle a *Tartufía* como em nós. — Uma razão nos inclina desde já, sem grande temeridade, a lh'a suppormos; e é o seu mesmo *sic valeas ut farina es*. Este não acreditar na fé alheia, fraquissimo abôno da sua nos descobre. Este accusar de impiedade com documentos, que não provam senão piedade, esta infracção atroz do nono preceito do Decálogo, esta incompativel mistura de affêrro ao culto e de indulgencia para com modas absurdas, que ameaçam destruil-o, este *nul n'aura de l'esprit que nous et nos amis*, são revelações cabaes da mais completa, da mais nojenta, da mais deploravel *Tartufía*.

Qua mensura mensi fueritis, eâdem remetietur vobis.

Não passaremos hoje d'este preambulo.

A questão da musica profana, trasladada para os templos, ficará esperada. De hoje a oito dias voltaremos a ella.

Oxalá que nunca mais nos forcem, como d'esta vez, a tractar de coisas tão estranhas a ella, como á publica utilidade; e principalmente, que nos não obriguem, por imprudencias loucas, a debates com que nada queremos: — a debates politicos e pessoaes.

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

1203 Nenhumas constaram n'esta semana que mereçam relatadas.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

1204 *Diario do Governo de 29 de Dezembro de* 1842. — Programma para a sessão real da abertura das côrtes.

Idem de 30. — Sessão real de encerramento das côrtes geraes. Ordem do exército n.º 59. Portaría nomeando uma juncta para intender no melhor modo de se effectuar a reunião dos cartorios.

Idem de 31. — Portaria fazendo constar que a Serenissima Senhora Infante D. Isabel Maria cede da sua dotação tres contos de réis. Outra para que o pó de carvão de pedra pague de direitos cem réis por quintal. Tabella da receita do mez de março de 1842.

Idem de 2 de Janeiro de 1843. — Portaria para que a *Commissão* (Juncta) das Pautas, proponha o melhor modo como se evite a entrada a papel estrangeiro.

Idem de 3. — Sessão real da abertura das côrtes geraes. Ordem do exército n.º 1. Venda de bens nacionaes em Castello-Branco, Leiria, Aveiro, Vizeu, Portalegre, e Lisboa.

CORTES.

1205 A dois do corrente pela uma hora da tarde, veio S. M. ao palacio das Côrtes abrir a sessão ordinaria d'este anno.

O acto foi celebrado com a solemnidade do costume, notando-se grande concurso das pessoas da côrte e altos funccionarios do estado.

ASSOCIAÇÃO MARITIMA.

1206 Sabbado ultimo se teve na *sala do risco* do Arsenal da Marinha a primeira sessão solemne da Associação Maritima; um dos corpos, modernamente, instituidos, que mais uteis serviços nos promettem e mais uteis serviços nos farão, se o governo frequentes vezes, os quizer tomar nas respectivas materias por seus guias ou conselheiros. Foi reunião numerosa e esplendida. Presidiu a ella elrei; assistiram parte do ministerio, nacionaes e estrangeiros distinctos; membros dos corpos legislativos, socios de academias, redactores, litteratos etc. A relação, feita aos assistentes pelo digno secretario e benemerito official de marinha o Sr. Corrêa de Mattos, manifestou o muito que já alli se tem feito, e os excellentes desejos, de que se acham animados. Esboçariamos aqui um resumo d'aquelle interessante escripto, se os nossos leitores o não podessem achar, dentro em pouco, e por inteiro nos *Annaes*, que a Associação Maritima publíca com tanto credito seu, e vantagem d'este reino.

A SANCTA CASA DA MISERICORDIA.

1207 Celebrou-se no dia dos Sanctos Innocentes a annual ostentação, costumada pela Misericordia de Lisboa. As junctas, que teem trasido a seu cargo aquelle estabelecimento, teem-n'o ído, de anno para anno, subindo sempre a maior ponto, e bençãos merece a actual a todas as pessoas humanas e christãs. Tal era a voz unânime de quantos visitaram aquelle asylo e hospital, que mantém debaixo de suas telhas perto de 700 pessoas. Por toda a parte se notava boa policia e aceio, e provas de que nem ao corpo nem á alma alli se denéga o seu mantimento. Perto de 400 meninas sem mães, nem paes, nem parentes, nem terra, nem mundo, pernoitam alli, fartas e contentes, agasalhadas pela Providencia, em dois dormitorios denominados *Collegio de D. Maria II* e *Collegio da Duqueza de Bragança*.

A noticia, que enchia todas as boccas, de que Sua Magestade a Rainha iria este anno visital-as, e Sua Magestade a Imperatriz tirar esmóla para ellas á porta da egreja, não se realisou — ou o boato era falso, ou algum forçoso impedimento lhes vedou o darem d'esta vez um exemplo de charidade, tão bello, tão proficuo e tão digno de duas senhoras, ambas moças, ambas mães, e ambas mães extremosissimas!

MAIS LICÇÃO PARA MÃES.

(Carta.)

1208 Na quarta feira da semana passada, no logar do Penedo, proximo aesta villa, estando duas creanças, uma de 3, outra de 4 annos a brincar juncto á chaminé, perto da qual sua indiscreta mãe as deixára sósinhas e fechadas, emquanto ía tractar de arranjos domesticos; a mais pequena chegou-se ao fogo a ponto de lhe este pegar no velho fatinho, morrendo assim a desgraçada creança horrorosamente entre chamas, sem que a visinhança acudisse ao forte chôro de ambas, pelo costume de as ouvirem chorar, quando a mãe as deixava presinhas em casa. — Quasi ao mesmo tempo chegaram a mãe e o pae (pobre trabalhador) que ao vêr tão horroroso spectaculo, desorientado pela paixão, pegou de uma faca, e com ella alçada, correu sobre a descuidada mulher, a quem teria ferido, se a visinhança não acode.

De V. etc.

Um assignante da Revista.

Colares 30 de dezembro de 1842.

O NOME NÃO FAZ O SANCTO.

1209 Vendeu S. Carlos de Milão quanto havia de mais valor nos seus paços episcopaes para acudir aos pobres n'uma grande calamidade — S. Carlos de Lisboa, incitado a acudir a pobres n'outra grande calamidade, deu apenas os farrapos mais insignificantes, de que podia dispôr. — Exceptuando a cooperação espontânea e generosa, que o Sr. Masoni deu ao beneficio dos INNUNDADOS DA MADEIRA, com a sua insigne rabeca, o serão de 29 do mez passado, no grande theatro, foi um modêlo cabal de semsaboría. Se houvessem dado, como era de esperar, a *Favorita* ou ainda o *Roberto*, a enchente haveria sido completa; ¡mas era muito luxo esse para pobres, bastava qualquer musica çurrada, embora não attraísse tantos contribuintes! O numero d'estes ainda assim, não foi tão diminuto, que chegasse a pontos de vergonhoso: o auditorio, começando por SS. MM., compunha-se de pessoas conhecidas e de representação, muitas das quaes, pelo seu trajo de baile, mostravam que não haviam querido ir para a Assembléa estrangeira recrear-se, antes de se haverem saboreado no gôsto da esmola.

Ignoramos ainda, quanto produsiu em dinheiro esta pregoada récita de beneficencia.

ADMIRAVEL CONTRICÇÃO DE UM PRESO.

1210 De Colares nos escreve um assignante, a cujo zêlo eramos já devedores de muitas outras notícias, sempre verídicas — que a 21 de dezembro amanhecêra lastimosamente derrotado, a golpes de pudão, um vasto e bellissimo viveiro de pomar de espinho, que o Sr. Dionizio José de Castro, havia annos, cultivava com todo o amor, no logar do *Penedo;* e que já este anno tencionava transplantar. Nem uma só das innocentes arvorêtas ficou em pé. Attribue-se a *guapa* façanha, por bem fundadas razões — segundo o nosso correspondente — a um homem, que na cadêa da villa se acha preso! — sem embargo de o estar e ser um pouco affastado o sitio, em que se o delicto commetteu! — Mas desvanece-se o espanto, sabendo-se, que a bondade do juiz ordinario respectivo permittiu, que o preso passasse da enxovia para uma casa, chamada *sala livre*, que se acha em tal pé de arranjo, que val quasi o mesmo que estar solto. Tambem não é culpa da camara o máu estado da cadêa — pondéra por derradeiro o nosso correspondente — porque os rendimentos municipaes mal lhes chegam para ordenados, gratificações de empregados etc.

HOMICIDIO POR FATUIDADE DE UM COCHEIRO.

1211 A 24 de dezembro uma sege, descendo a calçada da Estrella, com tão insensata velocidade se levava, que uma desaventurada mulher, que ía passando, não podendo a tempo desviar-se, foi por ella derrubada, e gravemente ferida na cabeça. Jaz no hospital e o boleeiro na cadêa.

ASSASSINAMENTOS.

(Carta.)

1212 No districto de Aveiro vão sendo moda os homicidios e não vemos que as auctoridades se resolvam a lançar mão do benéfico remedio da Orden. no Liv. V. — Tres mortes se perpetraram em tres dias consecutivos; — uma na Mamarroza, concelho de Mira — outra na Palhaça, concelho de Soza — a terceira, e por ora ultima, na Arada, concelho de Aveiro. — Direi d'esta por ser das tres a mais fallada. — Eram 6 horas da noite de hontem, recolhia-se do sitio da Vista Alegre, João, por alcunha, o *Cospe fóra*, irmão do sentenceado, que ha um anno padeceu em Aveiro a pena ultima; vinha chegando á fonte do *Lila*, perto da cidade, saem-lhe quatro mascarados; e tapando primeiro a bocca a uma criada que o seguia, para que não desse vozes de soccorro, carregam sobre elle ás estocadas com tão crescida furia, que todas as carnes lhe deixaram n'um relance descosidas. Não lhe ficou mais de alentos, que só o bastante para se arrastar ainda até um casal proximo, onde, confessado com grande custo, e logo ungido a toda a pressa, rendeu a alma.

Ficam mulher e muitos filhos sem arrimo e com fracos meios de subsistencia. Se é certo o zunzum que andou, que este malaventurado ajudára ao irmão no homicidio, que o veio a pendurar na forca — ¡altos juizos de Deus! — porém é tambem certo que era homem socegado e inimigo de rixas. A causa, que induziu aos quatro desconhecidos a matal-o, é por ora um enigma.

Dois dos quatro mascarados foram ultimamente prezos, e estão na cadêa de Aveiro. Um é José Pereira da Silva, funileiro, que do Porto, onde era casado, se retirára para esta villa, desamparando a mulher para viver com uma comborça.

COMO SE ARCHIVAM DOCUMENTOS PARA A HISTORIA.

1213 *Espectaculos.* «Repetiu-se hontem no theatro «da Rua dos Condes a representação da ópera-comica «*O Fra-Diavolo*, fazendo o Sr. Figueiredo a parte do «protagonista. Como era facil de antever, esta parte «escripta para uma voz de tenor, e com a instrumen«tação apropriada ao seu acompanhamento, não podia «produzir effeito cantada por uma voz de *barítono*. O «Sr. Figueiredo, não fez boa figura, como aliás pó-le «fazer n'uma parte adaptada aos seus meios; e se as«sim continuar o seu servilismo á direcção especula«dora, o Sr. Figueiredo ha de acabar por desconcei«tuar-se na opinião publica, que tão favoravel lhe era, «que o preconisava o *Colleti das salas*: além d'isso,

«o theatro dos Condes não presta senão para vozes *api-*
«*piadas* como as das Sr.as Radici e Canali, as vozes
«varoniz não tem casa propria, embaçam nas lonas...

«Os camarotes estavam desertos, e a plateia estaria
«por metade: e se d'ella descontarmos a *claque*, de
«cuja *industria* Mr. Doux póde tirar privilegio de in-
«troducção, a concorrencia dos amadores da ópera-co-
«mica da Rua-dos-Condes parece ir diminuindo con-
«sideravelmente. Deus lhe dê juizo!

Restauração de 31 de dezembro.

Theatro Nacional da Rua dos Condes. — O Fra-Diavolo. — «Realisaram-se as nossas esperanças com a re-
«apparição d'esta ópera. O Sr. Figueiredo executou
«perfeitamente o papel do protogonista, e foi applau-
«dido com enthusiasmo, principalmente no fim da pe-
«ça, quando foi chamado fóra, e recebido por uma es-
«trondosa salva de palmas.»

«Sem duvida nenhuma a parte do salteador parecia
«coisa nova, e a musica, graças ao talento do nosso
«compatriota, deixou ver as muitas bellezas, que a
«distinguem da de outras óperas. D'este modo não du-
«vidamos prometter longa vida a esta ópera, que foi
«sempre apreciada pelos *amadores.*»

Revolução de Septembro de 31 de dezembro.

Estas differenças e contradicções, demasiadamente frequentes, entre jornaes da mesma terra e do mesmo dia, quando se tracta de factos positivos e publicos, devem parecer enigmas indecifraveis aos leitores provincianos. Nada ha entretanto mais facil de explicar. — Ambos estes Redactores, homens de talento e conhecimentos, fazem do actual theatro portuguez o mesmo conceito, que nós e todo o publico illustrado. Mas um, ainda algumas vezes o frequenta, para o censurar, a ver se pela severidade do castigo o póde chegar a corrigir: o outro, desenganado, de que os vicios e achaques dos Condes são já chronicos e normaes, não perde as horas em ir lá, e deixa-o correr á revelía. Consente, por uma especie de dó, em que, entre as materias indifferentes de correspondencias e annuncios, se lancem, tanto os que o theatro lhe remette dos spectaculos, que vae dar, como os pomposos encómios, que tambem de lá vem engendrados, das representações, que se fizeram. — Não são isto malicias ou suposições nossas. Ahi se leu, não ha ainda muito, emvez da morte e enterro da Dama Branca, a triumphal inauguração da Dama Branca. A direcção do theatro sonha o que deseja; escreve os seus sonhos, como historia; manda essa historia do futuro, escripta como do passado, aos compositores; e quando vem a conhecer pelo êxito, que se enganára, já a coisa anda farta de correr pelos olhos dos leitores.

Estamos certos de que os do theatro não podem desmentir esta explicação; e mais certos estamos ainda de que o illustre Redactor da Revolução de Septembro engeita, tanto a auctoría, como a responsabilidade de todos estes e similhantes artigos.

O que da Revolução dizemos, pede a justiça, que o digamos egualmente de alguns outros jornaes, injustamente acusados de servilismo ou venalidade, pelos constantes e constantemente desmerecidos elogios, que do theatro dos Condes apregoam. — Toda essa poeira, atirada aos olhos do publico, por differentes lados, sáe de uma só mão.

DESGRAÇA DE HERDAR.

1214 Mãe e filha moravam junctas no logar do Pereiro, freguezia de Ramalde, bispado do Porto: eram remediadas, e acabavam de ter uma herança de cinco mil cruzados. A 16 de dezembro, de noite e fóra de horas, quando já ambas dormiam, entra-lhes em casa, não por porta, janella, ou telhado, mas por uma parede que arrombaram um bando de malfeitores. Apoderam-se da filha; amarram a mãe de pés e mãos; açamam-n'a, rolhando-lhe a bocca com um lenço: espancam-n'a; quebram-lhe a cabeça. — A filha, atterrada com esta vista, não ousa bradar por soccorro. Inquirida e instada pelos ladrões para que lhes denuncie, onde está o dinheiro, responde — que o teem na cidade, — e presencêa de tal modo quantas pesquizas fazem para o descobrir, que nenhuma duvida lhes deixa de que fallou verdade. Escapou o dinheiro, mas a roupa da casa, que era muita e boa, e outros objectos de alguma valia, carregados rapidamente ás costas de bestas desappareceram com os ladrões, que não foram conhecidos, nem até hoje descobertos. — Devemos esta noticia ao Sr. João José de Roboredo, do Porto.

BOLETIM ARCHITECTONICO.

1215 *Si mens non lœva fuisset*, os agoiros, para dissuadir das obras do theatro *fresco*, não podiam ser mais evidentes. Ha seis dias caíu um servente, para dentro do cavouco, de cabeça para baixo, e tão desastradamente que lá a foi fazer pedaços sobre um penedo.

Estes varões justos e tenazes do seu propósito, como o da ode de Horacio, ainda que o orbe desabasse desfeito, continuariam impávidos, a dar á bomba.

A EGREJA DE S. FRANCISCO.

1216 A cada passo, e a cada hora se nos deparam, e multiplicam as provas, de que o não se ter sempre, e em tudo, perante os olhos a grande regra — «*tractent fabrilia fabri*, tractem ferreiros do que toca a ferro» — faz, com que se commettam absurdotaes, que envergonham uma nação, e a prejudicam gravemente nos seus havêres.

A egreja de S. Francisco da Cidade, obra immensa de marmore edificada com os *dez réis* da esmola mendigada por dois fraditos descalços, só esperava que lhe impozessem o tecto, para ser um dos mais soberbos templos d'esta cidade. — Intendeu-se — e intendeu-se bem — que os dinheiros publicos, insufficientes para matar a fome aos empregados, se não deviam desfalcar n'uma obra de méro luxo; porque mais falta quem ore do que faltam casas de oração. — Podia com tudo aquelle edificio, ainda profano, concluir-se para algum uso civil, que bem valesse o que o fabríco de um tecto havia de levar. — Dois alvitres appareceram n'este presuposto; e muitos outros, não menos plausiveis, se pederiam levantar. Foi o primeiro fazer d'alli, como propunha o Sr. Visconde de Villarinho de S. Romão, o novo theatro nacional (*): o segundo foi, convertel-o em bibliotheca publica, para o que offerecia toda a capacidade e proporções. Seria uma das mais esplendidas e especiosas livrarias, e um remedio para se não

(*) Reflexões criticas e artisticas sobre a edificação do novo Theatro portuguez.

acabarem de perder tantas mil obras, que hoje estão apodrecendo ás escuras, nos dormitorios e cellas do convento. Engeitou-se este projecto com a unica vantagem de continuarmos a possuir o mais completo museu de traças, que existe no mundo; e engeitou-se o primeiro, talvez só por obedecer á poderosa voz de algum *Baptista*, que já então andasse preparando os caminhos do nosso actual redemptor architectonico.

Esperavamos nós, que a obra dos *dois frades* ficaria pois á espéra de melhores tempos, ou melhores juizos, para ser rematada e consagrada, sob qualquer titulo que fosse, á publica utilidade. Não succedeu assim. O dinheiro, que não havia para se fazer um tecto, appareceu para se levantarem andáimos e escadarias, que não importariam em menos de 600$ réis — ¿ para què? — para desfazer o que estava feito e perfeito; apear cantarías; carreal-as para um pobre terreno, que nem póde com ellas; e entregal-as ao braço secular de um forasteiro, que promette edificar, para o publico, e á custa do publico, o que só elle por ora sabe ao certo, se é que o sabe.

Ouvimos sobre esta materia o parecer de muitos perítos, por isso fallamos n'ella com afoiteza. — Quando outra prova não houvéra da incapacidade artistica do Sr. Lodi (pessoa aliás estimavel, segundo nos affirmam) para a obra, de que o encarregaram com manifesta atropelação de direitos dos artistas e do povo, este só facto de querer os ornamentos internos de uma egreja para ornamentos exteriores de um theatro, sobraria para a demonstrar a todas as luzes.

Tem-se arrancado ao templo columnas, simalhas, pedestaes e outras partes, não exceptuando a capella, que pelo lavor era tida pela melhor coisa d'esse género em Lisboa: e nada de tudo isto é applicavel ao theatro do Sr. Lodi, salvo alterando o auctor, em grande parte, o que se diz ser, o seu approvado e gabado projecto: porque, por exemplo, as columnas do templo são jónicas, e segundo a regra da Architectura, teem nove diâmetros de altura; e esta medida, que estava em harmonia com a sua primitiva destinação, não póde accommodar-se a esta nova sem quebrantamento de todas as regras da arte. Uma simalha, composta de molduras, pouco relevadas, e que no interior do edificio faziam bom effeito, não póde agora ser applicada para a parte externa de um theatro, aonde se requerem simalhas de molduras, mui relevadas, para grande massa de claros e escuros. *Quod non fecerunt barbari, fecerunt barbarini.* — Se este não for blasonar para a sua terra, de ter edificado um theatro, segundo as regras — nem ainda de ter edificado um theatro porque o theatro *rã* ha-de ficar em meio, quando muito — poderá gloriar-se de que deitou abaixo, com a ponta de seu lapis, a soberba egreja de S. Francisco com tanta facilidade, como na *Abbadia de Viterbo no theatro normal* vimos o Sr. Victorino romper, com uma faca, uma grossa muralha de prisão, e fugir pelo buraco. A normalidade theatral corre parelhas com a architectónica. — *Mundus ab his regitur.*

E o theatro normal custa seis contos de réis por anno! ¡ e o Sr. Lodi *cincoenta mil réis de gratificação por mez!* ¡ e o architecto portuguez, seu servente, *vinte e quatro mil!*

Oh! bella etá dell'oro!

«Non giá perche dilate
«Se incorsi il fiume, e stíló mel il boscho;
«.....
«Ma sol, perche quel vano
«Nome senza sugeto,
«Quel idolo d'error, idol d'inganno,
«Quel, che dal volgo insano
«Honor poscia fu detto,
«Che di nostra natura é il feo tyrano,
«Non mi schiavá il su affanno
«Tra le liete dolcezze
«Della amorosa grege,
«Ne fu sua dura lege
«Notta a quelle alme in libertate avesse;
«Ma lege aurea e felice,
«Che natura scolpí, si ei *Piace* ei *Licce*.

UM REFORMADOR DE CARTORIOS.

1217 Na rua da Prata n.º 27, 2.º andar, tem escriptorio, mas não residencia, o escrivão do 1.º districto, Abreu Castello-Branco. — O ultimo dia do anno findo, ficou assignalado n'aquella casa, deshabitada, e no espirito apreensivo do honrado funccionario por um caso estranho, e porventura inaudito. Saía o Sr. Castello-Branco de trabalhar em um gabinete interior para a sala, onde estavam os seus escreventes; vê no meio da casa um enorme cão, alvo como um phantasma, com uma só malha preta na cabeça, sentado senhorilmente no meio do sobrado, com o focinho virado para a porta; immovel, de olhos accesos contra elle, e temerosa expressão na catadura. Sobresaltado com a presença d'este cliente de nova especie, cozeu-se com a parede, saíu da casa em dois passos, e das escadas em dois pulos, gritando aos seus ajudantes — que pozessem fóra o freguez. — Assim o fizeram, e não viram que tornasse. Ao meio dia sairam, e fecharam o escriptorio. — Voltando depois de jantar, pelas duas horas, mal haviam aberto a porta, sentem vir pelas casas fóra correndo um borborinho, é o cão, o mesmo cão. Rompe por entre elles — desapparece.

¡ Mas que spectaculo se lhes descobre apenas entram! — Uma infinidade de processos, tirados de cima das mezas e estantes, junca o pavimento. Todos foram esfolheados pelo dente canino, e dilacerados, e alguns redusidos a moinha; era uma verdadeira imagem da livraria de Alcobaça caída nas mãos seculares dos *liberaes*. Aos vestigios claros das dentadas accrescem os de uma baba copiosa e rubricas de sangue. Uma das principaes victimas d'aquella hydrophobía anti-forense fôra o processo de execução de D. Thomaz de Napoles contra o Visconde de Souto d'Elrei. Ahi os autos originaes de penhora jaziam completamente destruidos. Era questão de grossos mil cruzados.

Fez-se, a requerimento do mesmo escrivão, auto de corpo de delicto, a que assistiu o Sr. Dr. Delegado, Castilho, e o Sr. Juiz, Paredes; e d'onde todos saíram convencidos de haver sido o cão o unico auctor de todo o maleficio. Alguns teem para si que era damnado, e um lettrado velho, a quem se referiu o caso, dizem-nos, que fôra da mesma opinião, e que appellára para o tempo, que havia de dar prova clara d'essa verdade. Não duvidâmos; que algumas das partes mordidas hão-de apparecer damnadas a final.